

M. Celeste Augusto  
UiL – OTS  
Departamento de Línguas e Culturas Modernas  
Universidade de Utrecht  
c.augusto@let.uu.nl

**ABORDAGEM DIDÁTICA DOS DETERMINANTES QUANTIFICADORES  
NOMINAIS**

## Resumo

Uma vez ultrapassada a fase elementar do ensino do português como língua estrangeira, começamos a deparar-nos com estruturas gramaticais ou vocabulares que, ou por não virem nos compêndios como uma unidade em si, ou por serem muito específicas, requerem a criação de uma estratégia didáctica. Estão neste caso os segmentos do tipo "UM DENTE DE ALHO", "UM GOMO DE LARANJA", "UMA TALHADA DE MELÃO". A estes damos o nome de determinantes quantificadores nominais.

O objectivo deste texto é apresentar uma proposta de aprendizagem destas sequências nominais, para alunos de português, língua estrangeira. Assim, constituir-se-á um pequeno corpus, com as que julgamos serem mais frequentes. Este corpus será objecto de uma análise lexical e incluído numa tipologia semântica. As duas últimas etapas e o contraste com os seus equivalentes em outras línguas, neste trabalho neerlandês e francês, constituem os fundamentos da abordagem didáctica que pretendemos discutir.

## APPROCHE DIDACTIQUE DES DETERMINANTS QUANTIFIEURS NOMINAUX

### Résumé

Quand on dépasse la première étape de l'enseignement du portugais comme langue étrangère on commence à rencontrer des structures grammaticales ou de vocabulaire qui, soit parce qu'elles ne sont pas incluses dans les manuels comme une unité propre, soit parce qu'elles sont très spécifiques, exigent la création d'une stratégie didactique. Comme exemple nous pourrions citer des segments comme « UM DENTE DE ALHO » [une gousse d'ail], « UM GOMO DE LARANJA » [un quartier d'orange] et « UMA TALHADA DE MELÃO » [une tranche de melon] que nous appelons déterminants quantifieurs nominaux.

Le but de ce texte est de présenter une proposition d'apprentissage de ces structures nominales destinée à des étudiants de portugais, langue étrangère. Ainsi, nous construirons un petit corpus avec celles que l'on considère comme les plus fréquentes; ce corpus sera objet d'une analyse lexicale et ensuite inclus dans une typologie sémantique. Ces deux dernières étapes et le contraste avec leurs équivalents surtout en néerlandais et en français, forment les bases de l'approche didactique que nous voulons discuter ici.

## 1. Introdução<sup>1</sup>

Há línguas como o português e o francês que podem recorrer a vários lexemas para transmitir uma estrutura quantificadora do tipo “uma pitada de N” e “une larme de N”, há outras, como o neerlandês, onde a escolha nos parece mais limitada<sup>2</sup>. O nosso interesse por este tipo de segmentos veio-nos do facto de, invariavelmente, sermos confrontados com o modo de como os ensinar a falantes de português língua estrangeira. Partindo obviamente do português, pretendemos considerar equivalentes deste tipo de determinantes quantificadores nominais em francês e, sobretudo, em neerlandês por ser a língua falada pelos estudantes com quem diariamente trabalhamos. Decidimos ter em conta também o francês, pois como acima referimos, é uma língua que acompanha o português na potencialidade lexical em relação aos segmentos que aqui nos ocupam. Não incluiremos estruturas quantificadoras com determinantes nominais de medida, como número, comprimento, peso, superfície ou volume do tipo “uma centena de alunos”, cujo comportamento morfo-sintáctico e semântico se caracteriza por uma certa homogeneidade.

Consideraremos primeiro a determinação em geral, passando de imediato para uma abordagem morfo-sintáctica, lexical e, principalmente, semântica das sequências inseridas no corpus, tendo por apoio teórico sobretudo B. Pottier (1992), P.-A. Buvet (1994 e 1998) e X. Blanco (2002). Referir-nos-emos também à sequência “*obra de N*”, que veicula uma quantificação aproximada. Da *Gramática de Língua Portuguesa*, Mateus et ali. (1983) retiraremos sobretudo alguma nomenclatura. No ponto 4 vamos procurar apresentar uma tipologia semântica dos classificadores ou determinantes quantificadores, como Blanco (2002) e Buvet (1994) os denominam. A seguir dar-se-ão os equivalentes franceses e neerlandeses e far-se-á uma análise contrastiva entre estes e os segmentos portugueses. Com base na tipologia semântica e na análise contrastiva referidas, procuraremos fundamentar uma proposta didáctica dos determinantes quantificadores, o que constituirá o último ponto deste texto.

## 2. Sobre a determinação em geral

A determinação, não sendo apenas um enumerar de modo isolado de elementos de um conjunto, insere-se no âmbito mais alargado das questões de referência. Segundo Mateus (1988: 80), as operações de determinação são:

"[...] processos de natureza semântico-pragmática que constroem o valor referencial de uma dada ocorrência de um nominal".

Relativamente ao francês, Buvet (1998) apresenta, apenas como uma base de trabalho, um elenco de nove determinantes de que fazem parte os determinantes quantificadores, porém, não os individualiza. Encontram-se assim determinantes pronominais, adverbiais e nominais juntos.

---

<sup>1</sup> Para a redacção do presente trabalho, partimos de um texto apresentado em 2002 ao Terceiro Congresso Internacional da APSA (American Portuguese Studies Association), em Massachussets, que foi relaborado tendo em vista o objectivo actual. No texto de 2002 focou-se primordialmente o registo lexicográfico dos determinantes quantificadores nominais em dicionários monolíngues e bilingues referentes ao português e ao neerlandês.

<sup>2</sup> Mais adiante veremos, a título comparativo, o caso do japonês, devido à sua especificidade e diversidade relativamente às línguas que iremos considerar.

Se tomarmos, por exemplo, a determinação de tipo dimensional, efectuada através de adjectivos<sup>3</sup> como *largo* / *estreito* / *alto* / *baixo*<sup>4</sup>, verifica-se que esta apresenta traços mais universais e menos culturalmente específicos do que a determinação realizada pelos quantificadores nominais em análise.

As operações de determinação de carácter quantificador, como as que iremos tratar, podem exercer-se sobre grandezas descontínuas, os chamados nomes contáveis, como livros, casas, etc., ou sobre grandezas contínuas como a água, o leite, etc.; podem ainda referir-se a conjuntos ou a partes de conjuntos, neste caso, teríamos aquilo a que Mateus (op.cit.p.97) chama “construções partitivas” e que são exemplificadas por segmentos do tipo *uma fatia de torta*.

### 3. Abordagem morfo-lexical e semântica

Os determinantes de que iremos tratar, para além da indicação quantitativa que veiculam, fornecem ao interlocutor informação adicional e intencional. São como um afinamento da função comunicativa e, neste sentido, poderemos dizer que são também funcionais. A sua selecção deixa transparecer, afora a quantificação esperada, disposição de elementos, estrutura e / ou textura da matéria a quantificar.

Os classificadores ou determinantes quantificadores, que de ora avante denominaremos DETERMINANTES<sup>5</sup>, por ser a nomenclatura mais em uso, são construções nominais do tipo N1 de N2. Esta representação cobre várias situações como “a moldura de Maria”, “um moldura de sonho”, “uma moldura de madeira”, “um tiro de espingarda”, etc. que nada têm a ver com os segmentos que iremos considerar. Neste trabalho vamos apenas ter em conta os determinantes nominais quantificadores que aparecem em segmentos do género *uma pitada de sal* (11), *um ramo de salsa* ou *um ramo de flores* (13)<sup>6</sup>.

Estas sequências apresentam preferências combinatórias de vária natureza. Assim, diremos *uma talhada de melão* (16) ou *melancia* e *um gomo de laranja* (5), mas não o inverso, ou seja, *\*um gomo de melão* e *\*uma talhada de laranja*, pois imediatamente nos vêm à mente os dois frutos e as combinatórias se nos afiguram absurdas ou inconsistentes. Segundo Buvet (1998), a selecção de um determinante é feita em função da classe de objectos a determinar e os determinantes nominais, devido à sua componente lexical, estão submetidos a restrições que estão em relação directa com os objectos a determinar.

Curioso é o facto de alguns deste segmentos se combinarem com lexemas segundo critérios semânticos, que, de acordo com Pottier (1992), deverão ter decorrido de experiências socio-culturais específicas<sup>7</sup>. Se não vejamos, enquanto em português se diz *dente de alho* (4) diz-se em neerlandês *teentje knoflook*, literalmente "um dedo do pé de alho" e se usamos *nuvem*

---

<sup>3</sup> Sobre a determinação através de adjectivos dimensionais cf. Bierwisch (1989). Sobre a determinação na sua relação com o léxico veja-se também o número 145 da revista *Langages*, que lhe é totalmente dedicado.

<sup>4</sup> Grande e pequeno, por exemplo, fazem parte da lista de primitivos semânticos elaborada por Wierzbicka. Sobre o assunto vejam-se os trabalhos da dupla Cliff Goddard e Anna Wierzbicka ou a página na web acerca da linha teórica (NSM) por eles desenvolvida.

<sup>5</sup> Afastamo-nos no aspecto da nomenclatura de Pottier (1992), na medida em que este usa o termo « classificateurs ».

<sup>6</sup> A partir de agora sempre que mencionarmos um segmento do corpus, fazê-lo-emos seguir do número de ordem entre parênteses curvos.

<sup>7</sup> Sobre a estreita relação e dependência entre léxico e cultura veja-se A. Wierzbicka, sobretudo (1997) e (1999).

para indicar grande quantidade, como em *nuvem de insectos*, nuvem, melhor o seu diminutivo, é empregue em neerlandês para exprimir uma gotinha de leite (aliás como em francês), como em *wolkje melk*, literalmente uma "nuvenzinha de leite". Por conseguinte, aquando da génese destes determinantes quantificadores nominais, as línguas recorrem ou podem recorrer a conceptualizações diferentes. São estes aspectos do foro primordialmente cognitivo e/ou cultural, que levam à criação de estruturas como *noz de manteiga* (8) e *celamim de sal* (2), cuja interpretação semântica pode ser mais difícil ou até inexplicável. Lembramos que celamim é uma antiga medida equivalente à décima sexta parte de um alqueire e que vem da palavra hispano-árabe *thamani* (Cunha1989).

## Corpus

**Tabela A - Determinantes quantificadores nominais**

1	bago de arroz / uva
2	celamim de sal
3	cheirinho de (a) aguardente
4	dente de alho
5	gomo de laranja
6	gota de vinho
7	molho de erva / chaves
8	noz de manteiga
9	pedra de sal / gelo
10	pilha de livros / sal
11	pitada de sal
12	punhado de cerejas / sal
13	ramo de flores / salsa
14	resma de livros
15	rodela de chouriço
16	talhada de melão

A recolha deste conjunto de determinantes quantificadores (Tabela A) não obedeceu a qualquer tipo de parâmetros fixos. Conquanto haja imensas estruturas semelhantes, apresentamos aqui apenas 16. Procurámos estabelecer um elenco o mais variado possível, sem exagerar os limites de um trabalho como este. Tivemos, no entanto, o cuidado de incluir matérias vivas e inertes, quantidades grandes e pequenas, colectivos e unidades singulares, sólidos e líquidos e ainda algumas formas. Não considerámos, contudo, alguns empregos metafóricos do tipo uma *"avalanche de telefonemas"* ou hiperbólicos como um *"milhão de beijos"*, que exprimem, de um modo geral, uma enorme quantidade mas impossível de quantificar<sup>8</sup>, nem as estruturas que, com nomes compactos como tristeza e jovialidade, rejeitam a determinação do tipo quantificador e, em princípio, só se combinam com determinantes de intensidade, por exemplo, uma *"imensa jovialidade"*. Os dezasseis segmentos estão indexados alfabeticamente.

Mais à frente, incluiremos uma outra tabela com determinantes nominais de valor aproximado.

<sup>8</sup> Buvet (1996) não considera este tipo de determinantes nominais como quantificadores, uma vez que não permitem uma resposta à questão « Quanto ? ».

As preferências combinatórias acima referidas apresentam um maior ou menor grau de fixidez de acordo com o tipo e forma da matéria que se pretende determinar quantificando-a. Voltemos ao “*gomo de laranja*”, gomo, no sentido de parte, vai usar-se exclusivamente com citrinos, isto é, com substâncias cuja contextura se apresenta, por natureza, já dividida em partes e que se podem separar e individualizar; compare-se, por exemplo, com a contextura do melão ou da uva, que não admitem de modo alguma o determinante gomo. Esta característica das preferências combinatórias é-nos confirmada por Buvet (2002), quando diz que:

"En effet, si certaines particularités des déterminants sont rapportées à l'environnement des groupes nominaux, les substantifs déterminés jouent un rôle crucial car ce sont leurs propriétés combinatoires qui sont prises en compte" (op.cit.p. 4).

Passamos a analisar algumas das propriedades que caracterizam estas estruturas de quantificação.

1. Todos estes determinantes, que podem ser empregues em relação à quantidade, nem todos poderão ser usados como resposta à pergunta "Quanto?" (Blanco, 2002:63), como os determinantes correspondentes às unidades de peso, volume, massa, etc.
2. Esta sequências reduzem-se à representação: (Art.)  $N_1 + De + N_2$ , em que  $N_1$  funciona como um determinante nominal quantificador de  $N_2$  e este como o determinado. Quanto ao artigo verifica-se a aceitação quer do definido quer do indefinido. Também se admite em lugar do artigo um adjunto possessivo ou demonstrativo ou até indefinido como em “aquela talhada de melão” (16), “o meu punhado de cerejas” (12) ou “algum dente de alho”(4).
3. Todos estes determinantes nominais são susceptíveis de pluralização. O mesmo não acontecendo com os nomes determinados, pois como já acima indicámos, uns são nomes contáveis como chaves e livros e outros grandezas contínuas como o vinho, a água.
4. As propriedades morfológicas e semânticas de  $N_1$  coincidem com as de  $N_2$ . Deste modo, *resma* (14) indicando um colectivo pede um  $N_2$  denotando plural, algo contável como livros, revistas, mas não se pode empregar com sal como acontece com *pilha* que admite *pilha de livros* e *pilha de sal* (10). Julgamos, todavia, que este facto se prende com o significado original de *resma* {conjunto de 20 mãos de papel ou 500 folhas, < ár. razmâ} e de *pilha* {montão de coisas umas sobre as outras}<sup>9</sup>, que lhes permite combinar deste modo; *resma* só combina com o que se pode contar e cujo material seja o papel ou substância semelhante, como revistas, folhas de papel, *pilha* associa-se com tudo aquilo que se pode amontoar como livros, pedaços de lenha ou sal. Obviamente, quando hoje se fala em *resma de livros* ninguém pensa em 500 unidades dos mesmos.

Um caso semelhante e digno de nota é o que acontece em japonês, onde o numeral é seguido de um sufixo consoante o tipo (matéria ou forma) do determinado, conforme se explicita no quadro seguinte.

**Tabela B – Determinante numeral três em japonês**

Numeral	Sufixo	Determinado
3 = San	satsu (sansatsu)	livros, revistas,

<sup>9</sup> Cf. Dicionário Porto Editora 2003.

San	ken (sanken)	casas, lojas, edifícios,
San	hiki (sanhiki)	insectos, peixes,
San	hai (sanbai)	copos e chávenas cheios
San	hon (sanhon)	coisas redondas e longas

Deste modo três livros dir-se-á san (3) + satsu (sufixo para coisas impressas) // sansatsu + livros e dois livros será ni (2) + satsu (sufixo para coisas impressas) // nisatsu + livros e assim por diante.

5- Embora haja uma certa rigidez nestas operações de determinação e a selecção do determinante se faça, como dissemos, consoante um ou mais traços da matéria específica constitutiva do determinado, podem ainda ocorrer as seguintes combinatórias:

5.1- vários determinantes servem um mesmo determinado:

1. *uma gota de vinho (6) ou uma pinga de vinho*
2. *um celamim de sal, uma pitada de sal, uma pilha de sal, um punhado de sal*

No primeiro caso *gota* e *pinga* são correlatos e semanticamente equivalentes, uma vez que indicam ambos uma pequena quantidade. No segundo caso, embora os determinantes nominais possam permutar entre si, semanticamente não são equivalentes; os dois primeiros *celamim* e *pitada* indicam uma pequena quantidade enquanto *pilha* veicula a noção de grande quantidade amontoada e *punhado* signifique uma mão cheia.

5.2- o mesmo determinante pode acompanhar vários determinados:

1. *uma pedra de sal, uma pedra de gelo (9)*
2. *um ramo de flores, um ramo de salsa (13)*

Chamamos a atenção para a particularidade de *flores*, enquanto nome contável se usar no plural, enquanto *salsa*, que permanece no singular, se poder igualar às grandezas contínuas. Cremos que, embora ramo pressuponha mais do que uma unidade, isto se explica pelo facto de *salsa* ao ser considerada como uma grandeza contínua só se usar no singular, à semelhança do que acontece com *louro*, *alecrim*.

6- Verifica-se também que alguns determinantes podem ser seguidos por matéria descontínua (nomes contáveis) ou por matéria contínua, como *pilha* (10) e *punhado* (13):

1. *uma pilha de livros // uma pilha de lenha*
2. *um punhado de cerejas // um punhado de sal*

7- Como Buvet (1994) indica, N<sub>2</sub> não pode ser omitido, excepto em frases, onde se verifique uma pronominalização ou uma co-referência, como a que se exemplifica a seguir:

1. *Comprei um ramo de cravos e ela um de rosas.*

8- Os determinantes que, para além da noção de pequena quantidade de N<sub>2</sub>, veiculam uma referência à forma, são seguidos de um determinante no singular, que por seu turno funciona como um todo. Estes determinantes nominais parecem estabelecer uma relação mais estreita com N<sub>2</sub>. Estão neste caso, entre outros, *dente de alho* (4), *gomo de laranja* (5), *rodela de chouriço* (15) e *talhada de melão* (16).

9- Estas sequências funcionam como uma unidade, de modo que a sua extensão só se pode fazer antepondo ou pospondo elementos como nos exemplos seguintes:

- 1.um *lindo* ramo de flores
- 2.um ramo de flores *brancas*

Como anunciámos acima, vamos agora considerar um outro tipo de determinação nominal, representado na tabela C.

#### **Tabela C - Determinantes nominais de valor aproximado**

1	coisa de 100 gramas de manteiga
2	obra de 2 litros de leite

Este curioso determinante nominal exerce funções de classificador ou determinante de valor aproximado dos determinantes numerais e pode ser representado do seguinte modo:

OBRA DE / COISA DE + determinante numeral + unidade de peso, volume ou superfície + de + N (determinado)

A estrutura não é precedida por qualquer artigo e semanticamente veicula um valor aproximado.

O seu emprego equivale ao do indefinido “uns”; assim, pode dizer-se "obra de 5 metros de ...", “coisa de ...” ou "uns 5 metros de ...".

Esta sequência, que parece ter um estatuto diferente e estar hoje em desuso, teve em épocas anteriores um emprego muito frequente.

Por exemplo, no *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama* regista-se um uso muito frequente de “obra de ...”:

*Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, 1497:

p.19 – “obra de duas horas”; p.29 – “obra de cinco léguas”; p.29 – “obra de noventa homens”; p. 31 – “obra de doze rezes”, etc.

**Obra** no sentido de “pouco mais ou menos” ou “quase” não aparece registado nem no *Dicionário da Academia* nem no *De Aurélio Buarque da Holanda*, sim no *Dicionário de Língua Portuguesa 2003* e no *Lello Universal*.

#### **4. Tipologia**

Apoiando-nos em Pottier (1992)<sup>10</sup> e tendo em conta as propriedades dos segmentos analisados acima referidas, vamos inseri-los numa tipologia semântica de operações determinativas:

*1º Grupo: parte de um todo* que incluirá – um bago de uva, um dente de alho, um gomo de laranja, uma pedra de sal, uma rodela de chouriço, uma talhada de melão

*2º Grupo: acumulação de elementos* que incluirá – uma pilha de livros, uma pilha de sal, um punhado de cerejas (?), um punhado de sal (?)

*3º Grupo: agrupamento de elementos* incluindo – um molho de erva, um molho de chaves, um ramo de flores, um ramo de salsa, uma resma de livros

*4º Grupo: uma pequena quantidade* incluindo – um celamim de sal, um cheirinho de aguardente, uma gota de vinho, uma noz de manteiga, uma pitada de sal

Relativamente a punhado pusémos um ponto de interrogação, pois nós julgamos ser este o seu lugar, porém, Pottier (1992) classifica-o no 3º Grupo: *agrupamento de elementos*.

Se quisermos considerar as estruturas da tabela C teremos de acrescentar à tipologia de Pottier um quinto grupo que terá a forma seguinte:

*5º Grupo: uma quantidade aproximada* que incluirá – coisa de ....., obra de ....

Na tabela que se segue apresentamos os elementos do corpus já seriados de acordo com a tipologia feita e seguidos dos respectivos equivalentes nas duas outras línguas.

#### **Tabela D**

*1º Grupo: parte de um todo*

	<b>Português</b>	<b>Neerlandês</b>	<b>Francês</b>
1	bago de arroz / uva	korreltje rijst / druif	grain de riz / raisin
4	dente de alho	teentje knoflook	gousse d'ail
5	gomo de laranja	partje / stukje sinaasappel	quartier / tranche d'orange
9	pedra de sal	korreltje zout	grain de sel
15	rodela de chouriço	plakje /stuk worst	rondelle de saucisson
16	talhada de melão	stuk /schijf meloen	tranche / portion (?)de melon

*2º Grupo: acumulação de elementos*

	<b>Português</b>	<b>Neerlandês</b>	<b>Francês</b>
10	pilha de livros	stapel boeken	pile de livres

<sup>10</sup> Embora a tipologia de Buvet (1994) se apresente muito mais especificada, preferimos optar pela tipologia de Pottier, que está mais simplificada; isto porque o que se pretende é chegar a um modo de ensinar estas estruturas tão efectivo quanto possível.

12	punhado de cerejas / sal	handvol kersen / zout	poignée de cerises / de sel
----	--------------------------	-----------------------	-----------------------------

**3º Grupo: agrupamento de elementos**

**Português**

**Neerlandês**

**Francês**

7	molho de erva / chaves	pol gras / bos sleutels	poignée d'herbe / trousseau de clefs
13	ramo de flores / salsa	bos bloemen / bosje peterselie	bouquet (de fleurs) / de persil
14	resma de livros	stapel boeken	pile de livres

**4º Grupo: uma pequena quantidade**

**Português**

**Neerlandês**

**Francês**

2	celamim de sal	mespuntje zout	pincée de sel
3	cheirinho de (a) aguardente	slokje jenever	goutte de cognac
6	gota de vinho	beetje wijn	goutte de vin
8	noz de manteiga	stukje boter	noix de beurre
11	pitada de sal	snufje zout	pincée de sel

Considerando os equivalentes da segunda coluna e fazendo o contraste grupo a grupo, verificamos que a especificidade dos determinantes nominais do português é maior em relação sobretudo ao neerlandês.

**1º Grupo: parte de um todo**

- 1- *bago* de uva : é traduzido simplesmente por uva (druif)
- 2- *gomo* de laranja : tem como equivalente um pedacinho (stukje), um lexema bastante neutro
- 3- *talhada* de melão: para além do equivalente schijf (fatia, talhada) é muito frequentemente traduzido por pedacinho (stukje)

**2º Grupo: acumulação de elementos**

- 1- *pilha* de livros: é traduzido por stapel

**3º Grupo: agrupamento de elementos**

- 1- *resma* de livros : à semelhança de pilha recebe como equivalente stapel

**4º Grupo: uma pequena quantidade**

- 1- *cheirinho* a aguardente : a especificidade transmitida pelo emprego deste determinante nominal é traduzida por um simples golo (slokje)
- 2- *gota* de vinho : recebe como equivalente um vocábulo mais neutro pouquinho (beetje)
- 3- *noz* de manteiga : também neste caso se traduz pelo habitual pedacinho, bocadinho (stukje)

Quanto ao francês constatamos que esta língua acompanha mais de perto a especificidade dos determinantes nominais do português, muito embora o *gomo* de laranja seja veiculado por “quartier”, que quase nunca será um quarto do fruto e *talhada* de melão possa receber como equivalente um vocábulo menos específico como porção “portion”.

Relativamente à expressão de quantidade aproximada *obra de + quantidade* ou *coisa de + quantidade* decidimos não a incluir na tabela D, por não lhe conhecermos equivalente em neerlandês ou francês.

Chegamos assim à questão: como ensinar esta área vocabular a falantes que não conceptualizando do mesmo modo a determinação quantificadora nominal, obviamente, também a não verbalizam da mesma maneira?

Transmitir este elenco de sequências alfabeticamente ou pedir o seu equivalente na língua materna do estudante não se tem revelado muito efectivo, referimo-nos principalmente ao caso do aluno holandês, na medida em que este dá invariavelmente como equivalente os vocábulos stukje (pedacinho) ou beetje (bocadinho / pouquinho), que semanticamente cobrem uma área muito vasta de sentidos e de valores.

Pedir a consulta dos dicionários no momento existentes torna-se uma busca um tanto inglória, pois estas combinatórias não aparecem como tal registadas, embora se saiba que o falante se serve da língua através de segmentos ou sequências e não de palavras isoladas. Uma rápida consulta de dois dicionários bilingues<sup>11</sup> levou-nos a concluir

que o tratamento lexicográfico sistemático destas sequências foi substituído por uma inserção ao acaso e mais de acordo com a competência linguística do tradutor ou lexicógrafo do que com as necessidades do utilizador. Notámos, porém, na parte português – neerlandês dos dicionários bilingues, aliás como seria de esperar devido à especificidade do português, um registo mais completo destas estruturas.

Uma vez que o conhecimento de cada um dos elementos de uma combinatória não nos assegura o conhecimento desta, verifica-se que, não raro, os erros cometidos pelo aprendente de uma segunda língua se devem a um desconhecimento das combinatórias específicas da língua em questão, falta-lhes o que alguns autores denominam “competência colocacional”.

Efectivamente, cremos que a aprendizagem destas associações lexicais só poderá ser facilitada, racionalizada (?) e mais produtiva se a sua transmissão for feita enquanto combinatórias e através do seu enquadramento semântico, isto é, inseridas em grupos tipológicos semelhantes aos acima considerados.

## 5. À guisa de conclusão

É sobretudo quando reflectimos sobre duas ou mais línguas e as pomos em confronto que nos damos conta da existência de sequências do tipo das que acabámos de tratar, que veiculam uma relação parte – todo ou unidade – conjunto.

---

<sup>11</sup> A inserção nos dicionários monolingues destas combinatórias carece igualmente de qualquer sistematicidade ou orientação linguística.

Estes segmentos de carácter mais ou menos fixo, existentes em todos os sistemas linguísticos apresentam especificidades que caracterizam e individualizam as línguas a que pertencem, mas que os tornam difíceis ou, por vezes, até impossíveis de transpor para outras línguas.

Neste sentido advogamos a necessidade de se proceder à sua descrição e taxinomia. Só estas, levantando as suas propriedades e valores semânticos, ajudam a arrumá-los dentro da língua que representam. Mas não só, a descrição de qualquer estrutura facilita a sua aprendizagem e também o seu registo lexicográfico.

## Bibliografia

### Dicionários

*Dicionário da Língua Portuguesa 2003*, Porto: Porto Editora.

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, vol.I, II, (2002), Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.

*Prisma Portugees – Neederlands Woordenboek*, (2002), Antwerpen: Standaard.

*Prisma Neederlands - Portugees Woordenboek*, (2002), Antwerpen: Standaard.

*Aurélio Século XXI – O Dicionário da Língua Portuguesa*, (1999) // Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

### Outros

BIERWISCH, M. , LANG, E. (eds.) (1989), *Dimensional Adjectives – grammatical structure and conceptual interpretation*, Berlin, etc.: Springer

BUVET, P.-A. (1994), "Détermination: les noms", *Linguisticae Investigationes*, XVIII-1, pp.121-150.

BUVET, P.-A. (1996), "Les déterminants nominaux aspectuels", *Linguisticae Investigationes*, XX, pp. 271-285.

BUVET, P.-A. (1998), "Détermination et classes d'objets", *Langages*, 131, pp.91-101.

BUVET, P.-A. (2002), "La détermination au regard de la diversité lexicale", *Langages*, 145, pp.3-7.

BLANCO, X. (2002), "Les déterminants figés", *Langages*, 145, pp.61-82.

CORREIA, C.N. (1992), "A determinação: quantificação e qualificação", *Actas do VIII Encontro da APL*, Lisboa: Colibri, pp.100-111.

CUNHA, A.G. (1989), *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

KAISER, S. et ali. (2001), *Japanese - a comprehensive grammar*, London, N.York: Roudge.

LEWIS, M. (ed.) (2000), *Teaching collocation: further developments in the lexical approach*, London: LTP.

MATEUS, M.H. et ali. (1988), *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra: Almedina.

MEL' ČUK, I. (1998), "Collocations and Lexical Functions", In: Cowie, A.P. (ed.): *Phraseology. Theory, Analysis and Application*, Oxford: Clarendon Press, pp.23-54.

POTTIER, B. (1992), *Théorie et Analyse en Linguistique*, Paris: Hachette Supérieur.

*Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama [1497]*, apresentação e notas de Neves Águas, Lisboa: Publicações Europa-América.

SEWARD, J.(1970), *Japanese in Action*, New York, Tokyo: Walker / Weatherhill.

WIERZBICKA, A. (1999), *Emotions across Languages and Cultures : Diversity and Universals*, Cambridge : University Press.

WIERZBICKA, A. (1997), *Understanding Cultures through Their Key Words : English, Russian, Polish, German and Japanese*, Oxford : Oxford University Press.

Sobre Primitivos Semânticos :

<http://www.une.edu.au/arts/LCL/disciplines/linguistics/nsmpage.htm>